

Albertino Calamote

# O estafeta

conto



Edição de autor

## Escritos do autor:

### LIVROS

*Dor e Poesia – Sonetos*, Lisboa, Edições Colibri, 1999

### DISPERSOS EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

Macau. Portugueses na China no século XVI (Publicado em *Baluartes – Revista das Forças Armadas Portuguesas*, n.º 6, 1986, pp. 30-37).

Bibliotecas militares. Breve reflexão (Publicado em *Revista Militar*, n.º 11-12, Novembro-Dezembro 1988, pp. 757-786).

A formação profissional e as bibliotecas militares (Publicado em *Baluartes – Revista das Forças Armadas Portuguesas*, n.º 2, 1991, pp. 28-33).

Penamacor. Um baluarte na raia (Publicado em *Baluartes – Revista das Forças Armadas Portuguesas*, n.º 3, 1991, pp. 30-35).

Guimarães. Um baluarte da independência (Publicado em *Baluartes – Revista das Forças Armadas Portuguesas*, n.º 4, 1991, pp. 36-39).

Serviço Geral do Exército. Subsídios para a sua história (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 380, Agosto 1991, pp. 20-23).

Ilha Terceira. Um baluarte da resistência (Publicado em *Baluartes – Revista das Forças Armadas Portuguesas*, n.º 5, 1991, pp. 48-56).

As grandes exposições internacionais (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 396, Dezembro 1992, pp. 17-20).

A batalha de La Lys, ou de Armentières (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 400, Abril 1993, pp. 13-14).

A perenidade dos valores (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 403, Julho 1993, p. 14).

Enfermeiras militares e emancipação feminina (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 403, Julho 1993, pp. 19-22).

Os sargentos na revolta de 31 de Janeiro de 1891 (Publicado em *Revista Militar*, n.º 8, Agosto 1993, pp. 703-727).

Cartografia portuguesa. Breve síntese (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 407, Novembro 1993, pp. 27-30).

O «Batalhãozinho» (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 408, Dezembro 1993, p. 35).

Missão na Bósnia [Entrevista com o Ten Cor Méd Lopes Henriques] (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 410, Fevereiro 1994, pp. 19-21).

Incursoes na História Militar. O petróleo na iluminação dos quartéis (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 412, Abril 1994, pp. 21-22).

A partilha Ibérica. Tratado de Tordesilhas faz 500 anos (Publicado em *Jornal do Exército – Suplemento*, n.º 413, Maio 1994, pp. I-VIII).

Incursoes na História Militar. A cidade de Paulona (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 417, Setembro 1994, pp. 33-34).

O estafeta – conto (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 422, Fevereiro 1995, pp. 33-35).

ONU. Meio século em busca da Paz (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 430, Outubro 1995, pp. 10-14).

Incursoes na História Militar. Uma solução com cem anos (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 431, Novembro 1995, pp. 30-31).

A Bósnia e a lição da Guerra do Ultramar (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 432, Dezembro 1995, p. 4).

O madeiro de Natal... em Moçambique (Publicado em *Jornal do Exército*, n.º 432, Dezembro 1995, pp. 34-35).

«Sentinela das Beiras» – Quinzenário da CCAç 174. Edição especial – 5 de Junho de 1999.

### INÉDITOS

Ciganos em Portugal nos séculos XV a XVIII

A imprensa e as *Ordenações Manuelinas*

Ordenanças e reformas militares na segunda dinastia

O retorno de Leonel – crónica

Moniz Barreto, uma voz em defesa dos militares

Era Maio – conto

**P**erfilados e impecavelmente alinhados, eles mantinham-se em profundo silêncio, presságio de coisa grave. O capitão caminhava de cá para lá, no prolongamento da formatura, braços atrás das costas, mãos febrilmente apertadas sobre os rins. O corpo curvava-se ligeiramente para a frente, os passos eram hesitantes e o rosto uma máscara de desespero naquelas feições rígidas, mas correctas, que estávamos habituados a ver.

Após ter percorrido por várias vezes aquele trajecto, voltou-se para todos nós. O semblante carregou-se-lhe e os lábios entreabriram-se-lhe várias vezes, como que de medo pelo que iam proferir. Finalmente falou:

– Rapazes, certamente não estais alheios ao que se está a passar. Sabeis perfeitamente que a nossa situação é grave, quase que desesperada. O inimigo cerca-nos e as nossas possibilidades de romper o cerco são pouquíssimas, ou nulas mesmo.

Parou um momento como que a puxar pela memória. Deu dois passos para o lado, enfiou a mão direita entre os botões da camisa e continuou no mesmo tom:

– Durante toda a noite estudei minuciosamente a situação e não vejo possibilidades, a menos que consigamos reforços. Mas, para obtê-los, a situação não é melhor: na deslocação de ontem, a mina que vazou a vista ao «Viseu» destruiu também o único rádio que ainda funcionava. Assim, sem transmissões, nem o Batalhão sabe

Albertino Calamote

onde nós estamos. Do meu estudo da situação concluí que a única hipótese que nos resta é tentar que algum de nós consiga atravessar as linhas inimigas e chegar ao comando do nosso batalhão, que, aliás, nem sei bem se ainda estará no mesmo sítio...

Fez nova pausa, engoliu em seco e percorreu com o olhar todos os rostos que o escutavam, carrancudos e graves.

– Será praticamente impossível, mas o certo é que não vejo outra alternativa senão tentar. Mas, para isso, terá que haver um voluntário. Um homem que arrisque a vida e que seja resistente, porque a caminhada será longa e penosa. Mas a nossa eventual salvação ficará nas suas mãos. Aquele que, de vós, esteja pronto a tentar esta difícil missão, venha à tardinha falar comigo na minha tenda. Mas que pense bem no que vai fazer: pode ser que encontre a morte pelo caminho, ou que, conseguindo chegar, o batalhão já tenha mudado de base...

A última frase ficou suspensa no ar. Todos aqueles rostos duros entraram em abstracção, enquanto o capitão se afastava, cabisbaixo e a passadas lentas.

\*  
\* \*

Às nove horas, alguém se aproximou da tenda do capitão. Este estava debruçado sobre o mapa da região, cotovelos fincados na mesa de caixote e as mãos apertando as têmporas. Ao sentir os passos, levantou lentamente a cabeça na direcção da abertura da lona. À porta estava um soldado. Os seus olhos fitavam tristemente o chão de capim. Os braços pendiam ao longo do corpo esguio.

– Ah, és tu?! Então estás disposto a arriscares-te e a tentar? Vê lá, não irá ser fácil. Mas pode ser que Deus ainda não nos tenha largado... Mas tu não és casado? Não tens, até, uma pequenita?

Porque te arriskas assim? Certamente que haverá outros rapazes na Companhia que não tenham tantos impedimentos de comprometer a sua vida... Porquê exactamente tu, meu amigo?

Olhavam-se de olhos nos olhos. Fez-se um «longo» silêncio, de segundos, em que as palavras passaram a ser apenas intuídas. A respiração tornara-se-lhes ofegante e aniquilava a quietude que se formara. A realidade sobrepôs-se.

– Pois bem, seja! Que Deus te acompanhe. Tens aqui esta mensagem, procura entregá-la ao nosso tenente-coronel. Mantém-te atento e, se fores atacado, destrói-a. Podes partir quando queiras.

Hesitante, o estafeta estendeu a mão esquerda para o papel e levou a direita à pala do barrete, iniciando a retirada. Então, o capitão levantou-se, como que impulsionado por mola invisível, e precipitou-se para ele. Os pensamentos que varriam aquelas cabeças não se podem descrever. Eram – isso transparecia – um misto de receio, de amizade e de esperança.

\*  
\* \*

Estava cansado. Toda a noite caminhara, e de inimigo nem sombras. Pareciam estar adormecidos, os malandros! Sentou-se e arregaçou as calças. As pernas estavam cheias de arranhões provocados pelos espinhos dos arbustos da selva. Puxou as mangas à camisa e viu que os braços estavam igualmente macerados, apresentando os mesmos riscos vermelhos. Tirou o cantil da cintura e deitou na mão uma porção de água com que esfregou as pernas e os braços. Por fim levou-o aos lábios e sorveu dois tragos. Estava tépida. «Boa água era a da minha terra», pensou. Aquela «que se bebia de uma telha entalada entre duas rochas». Teve saudade dela e de tudo o resto. Pela primeira vez começou a duvidar que tornasse a

Albertino Calamote

deleitar-se com a sua frescura. Duvidou que voltasse a passar as mãos pela cabecita loura que o enternecia cada vez que se lhe aninhava entre os joelhos. Duvidou, mesmo, que houvesse inimigos pelo caminho...

Abriu a mensagem para a ler de novo. Não reparou que ainda estava escuro. Mas ele sabia bem o seu teor. Pedia reforços em termos dramáticos, mas, a continuar assim, o capitão e o restante pessoal podiam estar descansados. A mensagem seria entregue, e, com certeza, os camaradas seriam socorridos e ele voltaria a acariciar os cabelinhos louros da sua pequerrucha.

Levantou-se e retomou a caminhada. Rompiam, no horizonte, os primeiros alvares da manhã. Calculou que deveria ter andado uns bons dez quilómetros, na direcção certa. Nas árvores, plenas de folhas, começavam a chilrear as aves mais madrugadoras. Estava agora à frente de um enorme vale, cuja vegetação rasteira permitia observar, quase minuciosamente, a encosta seguinte. Assestou o binóculo. Nada parecia anormal.

Continuou a andar, iniciando a travessia do vasto vale. Subitamente, porém, ouvem-se, à sua retaguarda, uns gritos histéricos numa linguagem que não conhece. Receia o pior e acerta. São realmente inimigos. Os malvados vigiavam-no enquanto descansava, e, certamente, viram-lhe o papel na mão, quando puxara da mensagem, e por isso o perseguiram. Desatou a correr. Aos seus ouvidos soavam, de mistura com a gritaria, os assobios das balas que passavam rentes à sua cabeça. Intensificou o esforço, para correr mais e mais, enquanto metia a mão ao bolso da camisa para retirar a mensagem. Levou o papel aos dentes e começou a destruí-lo.

Os pedaços davam duas voltas na boca e eram raivosamente cuspidos, envoltos em saliva...

Foi nessa altura que sentiu, na perna direita, qualquer coisa estranha, como que se um ferro em brasa, medonhamente afiado, a

tivesse varado. Começou a cambalear e, após breves passos, tombou ao chão. À sua frente as copas das árvores juntavam-se estranhamente, formando-se numa só. Enorme...

\*  
\* \*

Tudo se pôs repentinamente escuro, mas, a custo, procurou arrastar-se. Rastejava. Olhou para trás. Admirou-se de já não o perseguirem. Como o viram cair, certamente julgaram-no morto. «Foram pouco espertos», pensou. Enquanto tivesse um pouquinho de forças, havia de utilizá-las, tentando levar a salvação aos companheiros. Assim, continuou a arrastar-se penosamente.

O Sol ia já alto, e sentia-se sem forças. A água esgotara-se no cantil e parecia-lhe estar terrivelmente doente. A ferida não estancava. Rastejou até uma sombra, para refrescar e descansar um pouco.

De repente, um ruído de folhas pisadas parece aproximar-se. Não distinguindo o real da miragem, o instinto levou-o a procurar proteger-se. Amagou-se. O ruído estava cada vez mais próximo.

Também lhe parecia ouvir vozes. E parecia linguagem familiar. Mentalmente agradeceu a Deus e aguardou. Após alguns momentos, descortina, por entre as árvores, uma patrulha de fardas conhecidas. Então, soltou um grito abafado e deixou de ver.

\*  
\* \*

«Teremos que lhe amputar a perna», conseguiu ele ouvir, retomando a consciência. Abriu lentamente os olhos e olhou à sua volta. Muita gente de bata, dentro de uma tenda toda forrada de mapas. A seu lado estava, porém, uma farda camuflada como a sua. Olhou-a. Viu-lhe nos ombros os galões de tenente-coronel.

Albertino Calamote

Iniciou um esforço para levantar o tronco, mas doía-lhe horri-  
vamente. Por fim, falou:

– Meu comandante, sou da segunda companhia. Rasguei a men-  
sagem porque fui atacado..., e apontou os mapas.

Compreendendo o gesto, o oficial empurrou a maca para as  
paredes de lona da tenda de campanha.

– Eles estão aqui..., e pôs o dedo no mapa. –Estão cercados...

O rosto queimado do comandante abriu-se num sorriso curto e,  
pegando-lhe em ambas as mãos, tomou a postura grave de quem  
se prepara para pronunciar um discurso inflamado e solene.

– És um bravo, meu homem!

E não conseguiu dizer mais nada.

E choraram os dois.

Grafismo e paginação (em Quark XPress) do autor  
Edição (em PDF) do autor  
São permitidas cópias  
2006



«Levantou-se e retomou a caminhada. Rompiam,  
no horizonte, os primeiros alvares da manhã».

